

# O TRABALHADOR

SEMANÁRIO DO POVO

## SILÊNCIO INDESCULPÁVEL

Num discurso proferido no Natal de 1942, o Sumo Pontífice, falando do mundo operário, exclamou:

«Embora condenando os vários sistemas do socialismo marxista, não se pode ignorar ou deixar de ver que o operário, no esforço para melhorar a sua condição, embate com certo mecanismo que, longe de estar conforme à natureza, repugna à ordem estabelecida por Deus e ao fim que Ele assinalou aos bens terrenos. Por mais falsos, condenáveis e perigosos que tenham sido e sejam os caminhos que se seguiram, quem, sobretudo se for cristão, poderia ficar surdo diante do grito que se ergue do abismo e que, num mundo dum Deus justo, invoca justiça e espírito de fraternidade? Seria um silêncio culpável e injustificável diante de Deus, e contrário ao sentimento iluminado do Apóstolo, o qual, se inculca que é necessário ser resoluto contra o erro, sabe também que é mister ter consideração pelos que erram e o coração aberto para ouvir as suas aspirações, esperanças e motivos».

Estas palavras dizem tudo. São todo um programa traçado aos cristãos por quem tem autoridade para o fazer.

«O Trabalhador» deseja contribuir, na medida das suas forças para a realização na Imprensa, deste programa.

O silêncio seria indesculpável, e mais injustificável se este jornal aparecesse a falar aos operários sem consideração pelos que erram.

Resoluto contra o erro, sim. Mas não apenas contra os erros da extrema esquerda. Erros também os há nas outras extremas e para esses também é preciso ser resoluto, sempre é claro com o mesmo espírito de consideração pelos que erram.

Não queremos desviar-nos deste caminho. Seguindo-o, poderemos prestar aos operários o melhor serviço, como o poderemos prestar ao bem comum e ao futuro de Portugal.

## Contra os maus efeitos da vida sedentária,

## o empregado de escritório deve seguir certas regras de higiene

A vida sedentária não é a vulgar dos trabalhadores. Mas não há empresa, não há fábrica que não tenha entre o seu pessoal um número maior ou menor de empregados ocupados num trabalho de escritório.

Falaremos hoje destes trabalhadores, para lhes dar alguns conselhos de higiene.

A vida de escritório, onde se passa o tempo sentado a uma secretária — daí a palavra, vida «sedentária» — acarreta um certo número de desordens físicas, psicológicas e patológicas muito esquecidas mas nem por isso menos perigosas para a saúde. Se examinarmos cuidadosamente os que passam a vida assentados, encontraremos entre eles toda uma série de pessoas curvadas, gordas, com barbelas, pescoço curto e gordo, coxas fortes e flácidas. São doentes vítimas da sua vida sedentária.

E isto é apenas o que se nota. Mas há também o resto. A falta de circulação faz com que estejam muitas vezes congestionados, tenham vertigens, dores de cabeça, e outras miéris de que já se não queixam.

Sob o ponto de vista digestivo, também têm por vezes suficientes males. As digestões são lentas, custosas e dão-lhes tendência para o sono no ambiente pouco ventilado dos escritórios. Muitos comem bem, e isso, comprimindo-lhes o coração, faz com que sofram de inquietantes palpitações.

Por vezes também são deficientes pulmonares. Os seus pulmões não se dilatam suficientemente, por se encontrarem muitas vezes inclinados sobre os seus trabalhos. Quando dá uma caminhada um pouco mais apressada, o sedentário cansa-se, abafa. Todas as constipações são para ele, que não sabe como se libertar delas.

Quanto ao sistema muscular, o melhor é dizer que nem existe. Não tem força física, apesar de parecer pessoa avantajada e saudável.

O sedentário dorme mal por via de regra, porque durante o dia não satisfaz a esta espécie de despesa de esforço físico tão necessário a uma harmoniosa fisiologia.

Até mentalmente o sedentário tem sofrimentos. Depressa se torna num indeciso, arrelia-se facilmente, e o seu

mau humor — que teve de conter no escritório — toma livre curso em casa. Tratam-no facilmente de neurasténico. Ele próprio consente em acreditar que é um artrítico.

Pois bem! Tudo isto pode ser contrabalançado, corrigido com bastante facilidade.

Uma primeira medida é arejar bem os escritórios quando estão vazios, e reformar de hora a hora o ar quando se trabalha neles.

Mas o trabalhador sedentário deve esforçar-se por adoptar uma certa disciplina de vida, organizar bem o seu dia de forma a dar um pouco de tempo à boa fisiologia do seu corpo.

De manhã, em lugar de se levantar no derradeiro minuto, deve tomar a resolução de se levantar depressa um bom bocado antes de fazer a sua «toilette». Depois, diante da sua ja-

(Continua na 4.ª página)

## O PROBLEMA DA HABITAÇÃO

FORUM ABEL VARZIM  
DESENVOLVIMENTO E SOLIDARIEDADE  
É UM PROBLEMA FUNDAMENTAL

Um dos mais graves problemas da actualidade é o do alojamento do povo. Tem-se ele tornado agudo na maior parte dos países do mundo, sobretudo nos que sofreram as destruições da guerra. Mas em muitos outros, que foram poupados aos bombardeamentos, a crise da habitação também se faz sentir de maneira mais ou menos aguda.

Várias têm sido as soluções adoptadas nos diferentes países, para se chegar ao resultado que todos os que desejam o maior bem do povo ambicionam atingir. Mas uma das mais interessantes iniciativas tem sido a fundação de «Cooperativas de habitação» que se tem desenvolvido enormemente, depois da guerra — sobretudo, na maior parte dos países da Europa.

Para não falar daqueles que foram directamente flagelados pela guerra, vejamos o exemplo da Suíça, país neutro, onde também se faz sentir a crise de habitação.

Segundo os últimos dados que temos à mão, constituíram-se naquele país, de 1939 a 1946, nada menos do que 609 sociedades cooperativas de habitação, o que perfazia, em princípios de 1947, a totalidade impressionante de 812 sociedades cooperativas destinadas, exclusivamente à construção de casas. Destas, 735 são na Suíça alemã.

O grande desenvolvimento das cooperativas de habitação foi muito facilitado não só pelo Banco Central Cooperativo que financiou até à mesma data a construção de cerca de 5.000 alojamentos como pelo Governo da Confederação que, desde 1943, financia a construção de habitações com fim social.

Na América do Norte, o Presidente Truman acaba de enviar uma Mensagem ao Congresso, pedindo não só uma fiscalização mais intensa do preço das rendas, como também créditos suficientes para um programa de realizações a longo prazo comportando a construção de um milhão de habitações por ano em cada um dos próximos dez anos.

O que se tem feito em Portugal é digno do maior louvor, mas quem conhece como nós o problema aflitivo da habitação, sobretudo nos grandes centros, não pode deixar de insistir pela solução rápida desta gravíssima deficiência.

A proposta de lei apresentada à Assembleia Nacional e tendente a rever a «lei do inquilinato» prevê novas modalidades que facilitam a construção de casas de renda pequena. Mas como todas as facilidades legislativas até hoje publicadas não «tentaram» os construtores de prédios que são muito mais bem remunerados do seu esforço com a construção de casas de renda alta, quer-nos parecer que há necessidade de chamar à colaboração os próprios interessados, facilitando-lhes, por exemplo, a fundação de sociedades cooperativas, que tão bons resultados tem dado noutros países.

Bem sabemos que o espírito cooperativo está pouco desenvolvido entre nós, mas a verdade é que a legislação sobre cooperativas também lhes não dá possibilidades de desenvolvimento.

Seria preciso modificar a lei, facilitar e desenvolver a cooperação, pois

não há forma melhor de obter realizações do que chamar à colaboração os próprios interessados.

Quando o Estado tudo faz e tudo quer fazer, é fatal o esmorecimento da iniciativa particular. Sem esta, porém, depressa o Estado se cansará por não poder fazer tudo e sentir que todos se habituam a contar com ele para resolver as suas dificuldades.

As famílias populares têm o direito de se poderem alojar em condições humanas, que lhes permitam a higiene física e moral indispensável à educação dos filhos. Mas estão dispostos a colaborar, desde que lhe proporcionem condições para isso. Não será este o momento propício de se fazer um esforço a mais?

## EM DEFESA DOS MÚSICOS NACIONAIS

Os músicos constituem uma classe com características especiais e com exigências e aspirações diferentes da maioria dos outros trabalhadores.

São trabalhadores do espírito, eis tudo. Isso não obsta a que através-sem grave crise, a tal ponto grave, que mereceu agora a intervenção superior.

O aspecto mais grave era a concorrência dos músicos estrangeiros dos quais as casas de espectáculos e diversos estavam a fazer um uso que era e é um abuso.

Por falta de competência dos nacionais? Por falta do que podíamos chamar fantasia artística?

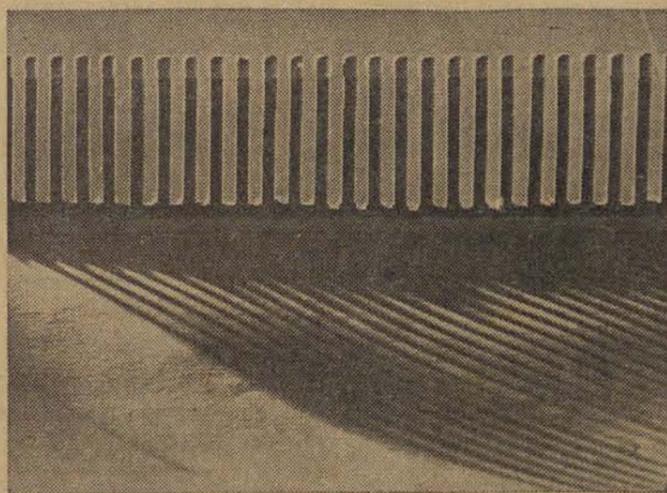
Em parte, por isso. Mas em grande parte por conveniência dos empresários que podem elevar episódicamente ou manter indefinidamente exagerados os preços quando apresentam artistas estrangeiros.

É uma questão de cartaz e isso verifica-se especialmente nos espectáculos ligeiros em que aparecem artistas de segundo plano alçados a vedetas de cartaz só porque são estrangeiros.

As providências tomadas quanto a concertos e quanto a actuações de

(Continua na 4.ª página)

## QUE É ISTO?



A Lua a brilhar sobre uma vedação e a projectar a sombra dos postes na brancura imaculada da neve?

Não, trata-se simplesmente de fósforos de cartão dispostos uns ao lado dos outros. O efeito do luar foi obtido graças a uma iluminação sabiamente disposta.

(New-York Times Photos)

# A COMUNIDADE DE BAIRRO

No penúltimo número, começámos a falar de experiências comunitárias, e transcrevemos um artigo sobre a ressurreição da consciência de uma comunidade de prédio. Hoje, principiámos a traduzir um artigo de G. Bardet (publicado em "Economie et Humanisme", 1943, Maio-Junho) sobre a comunidade de bairro.

Apesar dos muitos acontecimentos deste nosso tempo que não são de molde a inspirar confiança, há contudo estas realizações que se prosseguem e são um apoio tangível de esperança de que virão dias melhores.

Será bom não esquecer que o autor é francês, e onde diz nós se deve entender que se refere a franceses.

## Como fazer reviver um bairro

### a) A estrutura urbana

O urbanismo, o novo urbanismo, é fundamentalmente comunitário e federalista. Nada é mais característico do que a re-descoberta da noção do bairro, unidade residencial, unidade de vizinhança, «neighbourhood units», «settlement», «charquia», etc., segundo o nome dado a este núcleo. O mundo inteiro tem-se para o que chamamos a cidade-federação, a cidade em cacho, formada por uma federação de bairros e satélites, bairros limítrofes e aldeias.

Os primeiros trabalhos teóricos, os de Clarence A. Perry, da Fondation Russell Sage, tiveram por objectivo evitar o esmagamento das crianças que iam à escola, pelos automóveis (1 por dia, num bairro, de Nova York, Manhattan). Chegaram, em 1924, a imaginar recintos fechados ao trânsito rápido, com ruas de peões ou reservadas para o carro do leiteiro, do médico ou do habitante do bairro. — Recife — que toma o nome de «precintos» em Inglaterra — no interior do qual se pode expandir a vida quotidiana da mãe e do filho.

Esta concepção afirma-se actualmente em todos os países, e para dar apenas um exemplo, o plano de Londres ou o plano de Varsóvia baseiam-se no bairro, com a diferença de que os Polacos adoptaram o nú-

mero de habitantes que os nossos trabalhos revelaram, e abastaram o número ótimo em teoria de 10.000 habitantes para 5.000 como os americanos (5.000 na Exposição das Técnicas Americanas de Reconstrução) e reconheceram a necessidade de compreender um bairro como uma federação de escalões inferiores.

### b) Composição ideal do bairro-jardim

Os Anglo-Saxões têm dez anos de avanço sobre nós, dez anos de experiência para a criação de um espírito de bairro, transformação de casas em bairros orgânicos, a criação do bairro orgânico nas cidades novas. Durante estes 10 anos, o espírito do sistema original tornou-se com felicidade mais plástico, e pode-se dar agora a composição ideal do bairro sem cair em fórmulas rígidas. São as realizações que devem servir de experiências, mais do que o esboço que indica a seguir:

- a) Ruas de peões afastados do trânsito automóvel.
- b) Uma escola moderna;
- c) Terrenos de jogos;
- d) Um centro de bairro tendo pelo menos;
- e) Uma escola maternal com creche;
- f) Uma casa dos Jovens, centro do renascimento;
- g) Um dispensário com pequenas consultas para os lactantes;
- h) Um pequeno posto de correio auxiliar;
- i) Banhos — duches; e piscina, se for possível;
- j) Salas de reuniões para todas as sociedades locais que se formarem e não tiverem abrigo;
- k) Um centro de lojas, uma cooperativa a criar um espírito comum;

Enfim, são precisas algumas pessoas de bom conselho que possam ser consultadas sempre que necessário. Da sua benfazeja acção resultará a transformação do bairro.

Vermos no próximo número mais dois pontos: Como fixar os limites do bairro? Como levar o bairro a tomar consciência de si próprio?

# NOTICIÁRIO DA SEMANA

## DO PAÍS

Foram concedidos três mil e duzentos contos à província de Moçambique para melhoramentos da rede de caminhos de ferro, de acordo com o plano aprovado pelo Ministério das Colónias.

No porto de Nacala, da mesma província, vão construir-se dois armazéns metálicos de grande capacidade, obra avaliada em quatro mil contos.

— Na sua última reunião, a Câmara Municipal de Lisboa, aprovou a postura contra os ruídos da cidade.

Também foi aprovado o anteproyecto do edificio da matança e das respectivas oficinas, do novo Mata-douro, e autorizado o novo empréstimo de trinta mil contos para obras municipais.

— Um fiscal da Comissão Reguladora das Oleaginosas foi preso por pretender receber de um comerciante a quantia de trinta contos.

— Descarrilou, entre a Covilhã e a Guarda, um comboio de mercadorias, ficando feridos o maquinista e o fogueiro, que não conseguiram parar a máquina. Esta caiu de uma ribanceira de grande altura. Danificaram-se cerca de trinta vagões.

— Os governadores civis do Ribatejo e do Alentejo reuniram-se com alguns membros do Governo para estudar diversos problemas daquelas regiões.

— Vai realizar-se este ano uma grande Exposição de Obras Públicas.

Dentro de algum tempo, Lisboa vai, finalmente, ter descongostionado o trânsito da rua do Arsenal com a ligação do Terreiro do Paço ao Caís do Sodré pelo sitio da «Caldeirinha do Arsenal» que já sofreu o assoreamento e passa a ser caminho regular de grande utilidade.

A partir de 1 de Março os preços das especialidades farmacêuticas, nacionais e estrangeiras, beneficiarão do desconto de 10 a 15%. Por enquanto esta melhoria é só dos depósitos para as farmácias e destas para o publico só quando acabarem os seus fornecimentos anteriores àquela deliberação.

Foi publicado um despacho do Sub-secretário de Estado das Corporações com vista a defender os interesses dos músicos nacionais, cuja situação era devida crítica por motivo da exagerada preferência das empresas exploradoras de casas de espectáculos pelas orquestras e músicos estrangeiros.

— Na tomada de posse do inspector-chefe, adjunto do enfermeiro-mor

dos Hospitais Civis de Lisboa, o sr. dr. Tovar Faro afirmou que melhores dias se aproximam para os hospitais com o reapetramento dos serviços e o estudo da reorganização hospitalar e a revisão e actualização dos quadros do pessoal, o que espera, disse, estar concluído dentro de um ano.

— Com destino a Goa saiu do Tejo o navio «Sofala», levando a bordo um carregamento de nove mil toneladas de viveres, tal como arroz, trigo, farinha, leite e medicamentos, num total de 50 mil contos.

Outros carregamentos importantes seguiram de Moçambique e Angola, que aliás, se vão repetir, a fim de abastecer devidamente aquela nossa colónia distante.

— Uma vaga de frio paira sobre a Europa. O nosso país, de clima suave, que já gozava as delicias de uma temperatura de precoce primavera, sentiu, igualmente, frios intensos, principalmente no centro e norte.

Pelas autoridades holandesas foi entregue ás autoridades portuguesas de Timor, para ser julgado pelos nossos tribunais, o chefe da organização política japonesa «Kempe», Kat Kasusada, acusado de ter massacrado muitos portugueses.

— O Ministro da Economia inaugurou na Senhora da Hora, uma fábrica de fiação de linho.

## DO ESTRANGEIRO

Segundo declarou um funcionário superior americano do Departamento do Estado, o Governo norte-americano pode ver-se obrigado a intervir mais directamente no caso das guerrilhas gregas.

A América do Norte vai recrutar 70 mil homens para a Marinha, antes do dia 1 de Julho, para garantir a paz do Mundo.

Truman vai pedir brevemente novos créditos para auxílio à Grécia, e supõe-se que o mesmo fará para a Turquia.

A opinião americana mostra-se preocupada com o que se passa na Checoslováquia e admite ainda que embora a Rússia termine com a democracia checa, talvez tenha vantagem em manter uma situação de «democracia fechada».

Em Waedensvil, perto de Zurique, ceu-se o descarrilamento de um comboio de excursionistas, de que resultou a morte de 20 pessoas.

Violenta explosão no bairro judaico de Jerusalém, provocou muitas mortes e grande número de feridos. Ficaram imensamente danificadas todas as casas, num raio de quinhentos metros.

Toda a cidade estremeceu e partiram-se vidros de janelas em mais de uma milha de distância.

A Agência Judaica acusa a Inglaterra de dar força ao ataque árabe à partilha.

Os Estados Unidos pediram ao Conselho de Segurança a suspensão do plano da partilha da Palestina.

A população judaica atribui as culpas aos ingleses, e os israelitas mais categorizados acusam também os britânicos de negligência criminosas.

O Primeiro Ministro inglês afirmou que o Governo de Sua Magestade não se deixará iludir e expulsar dos territórios antárcticos.

Começou em Londres a Conferência das Três Potências (Inglaterra, América e França) sobre o futuro da Alemanha.

A Conferência deliberou convidar os países da «Benelux» (Bélgica, Holanda e Luxemburgo).

Chefes do Partido Social Democrata da Hungria estão a apressar a saída do país por se ter iniciado a depuração do partido.

Julgo que não será descabido, no nosso jornal ventilar problemas de filologia relacionados com o desporto.

Por isso tratamos hoje de um, que nos parece de grande interesse, dado o incremento que está a tomar a vela desportiva entre nós. Deve dizer-se iate ou iote ou yacht ou hiate?

A questão foi ventilada já pelo sr. Joaquim Leote, dirigente do Clube Naval de Lisboa, mas parecemos-nos erradas as conclusões a que chega, por serem erradas as premissas de que parte.

Propõe ele que se diga iotadesporto e iotadesportista, duas palavras que consideramos barbarismos inadmissíveis.

A palavra yacht não se lê, como erradamente se supõe, iôte a não ser entre os americanos, entre os quais prevalece o critério da facilidade.

A pronúncia exacta do a de yacht é um som intermédio entre o ó e á, o qual não é nitidamente nem um ou outro; na pronúncia desses fonemas influi a pronúncia imperceptível, subtil, da aspiração representada pelo ch e que passou despercebida aos ame-

ricanos e porventura ao sr. Joaquim Leote.

Na transição de yacht para o português a evolução normal seria iaque, visto o f final se degradar com frequência em j, e a aspiração ocupar na palavra lugar mais resistente.

E a abonar esta conclusão temos as palavras ka-iak (barco de homem) e um-iak (barco de mulher) usadas em esquimo e que são vestígios duma comum raiz primitiva.

Como, porém, se generalizou a evolução para iate e se restringiu até a um tipo de barcos com armação especial quanto ao velame, entendemos que está consagrada e que não deve por isso banir-se da nossa lingua.

Substituí-la por iote é um consentano.

Em resumo: diga-se iate e não iote para significar barco de recreio; em vez de iotadesporto não ficaria mal o neologismo iatismo e em vez de iotadesportista diga-se iatista. É mais português.

E para o iate — tipo especial de armação (dois mastros envergando plano latino) não nos repugnaria adoptar o inglês schooner, mas aporтугueseado para chiúner.

Que dirão a isto os entendidos?

— Finalmente, a questão dos dois «empates» que tinham sido apurados na tarde de 16 de Novembro do ano findo — a quando da ronda inicial do Toruico, entre estorilistas e Lusitanos alvarinhos, e entre olhanenses e académicos de Coimbra, foi agora resolvida pelos proprietários dos campos utilizados com tanta facilidade de consumação, como com tanta justiça se houvera a «sorte do jogo» nas igualdades de então.

Apreciados assim, muito de relance, o desfecho das sete partidas dum único domingo, ou seja, de domingo passado, reatemos o «fio da nossa meca» chamando de novo a atenção dos leitores para as mil e uma contradições e surpresas que, além das próprias a uma só ronda, podem influir grandemente no decorrer das «operações» duma época inteira.

Era, afinal, o segundo caso relativo às tais contingências da fortuna das competições desportivas.

Realmente, quantos saltos e balxos se podem constatar desde o frígido mês de Novembro até ao frígido mês de Maio?

Quantas impossibilidades momentâneas?

Quantas gripes passageiras ou quantas doenças graves poderão afetar Cicrano ou Beltrano dos campos de Futebol?

Inclusiv, quantos desastres estúpidos e imprevisíveis!...

—E eis-nos na oportunidade magnífica de encerrarmos as considerações deste artigo com uma alusão ao acidente ocorrido em Tomar a vários desportistas portugueses, entre os quais se encontrava o conhecido «internacional» Araújo — o homem franzino com pés-de-canhão...

O boato da fractura duma perna do valoroso jogador espalhou-se de lés-a-lés com a velocidade da pólvora a arder em rasilho. E era, na verdade, enterecedora a maquiagem sincera manifestada por toda a «malta» da bola — traduzindo com docência da apreço em que o referido futebolista é tido por cada um dos apaixonados do jogo. Mas por cada um — de per si, e não pelo conjunto de ideias e partidarismos, mercê da pujança activa do «discutido» internacional.

Esta destrição de sentimentos vem a talhe-de-foice por dois motivos: — pela evidência apurada e pelo contraste verificado.

Evidência — porque, de facto, foi evidente o desgosto sentido «pessoalmente» por todos — ante a notícia inesperada da desgraça.

Mas contraste também — porque, infelizmente tivemos a impressão de que certo «público» ficou algo decepcionado com a benévola rectificação do boato. Nem todo o público, talvez seja conveniente frisar: — mas uma boa parte dele...

— Ora bolas!... Afinal a «coisa» não teve gravidade!!!...

— Ora bolas, dizem-nos. Quando se viu que o Povo Português se apartará do triste e péssimo costume de sacrificar os seus bons sentimentos «individuais» (...que os possui, sem dúvida alguma) para se entregar passivamente ás exigências nocivas dos facciosismos colectivos?

Quando será?

— A data não sabemos nós precisar, mas do que temos a certeza absoluta é que no dia d'essa «libertação» muito lucrará a Causa Desportiva, em particular — e a Vida da Humanidade, em geral...

# PAGINA DESPORTIVA

## COISAS DO FUTEBOL

Por ALBERTO VALENTE

# NÃO SACRIFIQUEMOS OS BONS SENTIMENTOS «PESSOAIS» ÀS EXIGÊNCIAS NOCIVAS DOS FACCIOSISMOS COLECTIVOS

Os desafios correspondentes às treze jornadas da segunda volta do Campeonato Nacional de Futebol da I Divisão, que começou no domingo último, passaram a ter mais um interesse especial baseado no confronto das respectivas verificadas nas Rondas, e que a par disso é sempre cédo em demasia para cálculos e vaticínios relativos à adjudicação da vitória final. O melhor — o ideal é irmo-nos contentando em ver o que «há e o que acontece» de semana a semana», sem darmos largas a voos de imaginação para prognosticar sobre o que «haverá ou acontecerá»... a longo prazo!!!...

Nada mais contingente do que a fortuna das competições — seja referentemente aos sucessos dum único domingo, seja (...e mais ainda) em relação ao curso duma temporada completa. No primeiro caso, por exemplo, temos que: — o inesperado e arrelizador «empate» que o Benfica foi ceder em Braga, apareceu, no fim de contas, tão normal em campo como improvável se nos afigurava... no papel!

— As confirmações dos triunfos do Sporting sobre o Atlético, do Belenenses sobre o Vitória de Guimarães, do F. C. do Porto sobre o Elvas e do Boavista sobre o Vitória de Setúbal acabaram por se cifrar (quanto ao desafio no Lumiar) em margem tão exigua perante o jogo desenvolvido na segunda parte como justiceiramente podia ter ficado resolvida a questão em prol dos alantarenenses até à altura do intervalo (quanto ao encontro nas Salésias) por uma diferença mais vincada no marcador do que na relva; (quanto a Elvas) por uma maior felicidade dada o menor número de oportunidades de gol; e (quanto ao Beja) pela tardança imposta pelo guarda-redes Baptista à concretização da vantagem territorial dos «axadrezados»;

— O campeonato, com as suas vinte e seis jornadas que se espalham por uns seis meses bem contados, requer um «fundo» notabilíssimo de vigor físico para resistir à acção demolidora das lutas e do tempo — vigor esse a exigir aos clubes concorrentes por força dum elevado quantitativo de atletas aproveitáveis, e não a determinados atletas «sempe na brecha» a quem se não

pode — nem deve! — exigir mais do que é permitido ás suas forças humanas.

Daquí ressalta, traduzindo o pensamento por outro jeito, que não é aconselhável a entronisação de «ídolos» e que a par disso é sempre cédo em demasia para cálculos e vaticínios relativos à adjudicação da vitória final. O melhor — o ideal é irmo-nos contentando em ver o que «há e o que acontece» de semana a semana», sem darmos largas a voos de imaginação para prognosticar sobre o que «haverá ou acontecerá»... a longo prazo!!!...

Nada mais contingente do que a fortuna das competições — seja referentemente aos sucessos dum único domingo, seja (...e mais ainda) em relação ao curso duma temporada completa. No primeiro caso, por exemplo, temos que: — o inesperado e arrelizador «empate» que o Benfica foi ceder em Braga, apareceu, no fim de contas, tão normal em campo como improvável se nos afigurava... no papel!

— As confirmações dos triunfos do Sporting sobre o Atlético, do Belenenses sobre o Vitória de Guimarães, do F. C. do Porto sobre o Elvas e do Boavista sobre o Vitória de Setúbal acabaram por se cifrar (quanto ao desafio no Lumiar) em margem tão exigua perante o jogo desenvolvido na segunda parte como justiceiramente podia ter ficado resolvida a questão em prol dos alantarenenses até à altura do intervalo (quanto ao encontro nas Salésias) por uma diferença mais vincada no marcador do que na relva; (quanto a Elvas) por uma maior felicidade dada o menor número de oportunidades de gol; e (quanto ao Beja) pela tardança imposta pelo guarda-redes Baptista à concretização da vantagem territorial dos «axadrezados»;

— O campeonato, com as suas vinte e seis jornadas que se espalham por uns seis meses bem contados, requer um «fundo» notabilíssimo de vigor físico para resistir à acção demolidora das lutas e do tempo — vigor esse a exigir aos clubes concorrentes por força dum elevado quantitativo de atletas aproveitáveis, e não a determinados atletas «sempe na brecha» a quem se não

Violenta explosão no bairro judaico de Jerusalém, provocou muitas mortes e grande número de feridos. Ficaram imensamente danificadas todas as casas, num raio de quinhentos metros.

Toda a cidade estremeceu e partiram-se vidros de janelas em mais de uma milha de distância.

A Agência Judaica acusa a Inglaterra de dar força ao ataque árabe à partilha.

Os Estados Unidos pediram ao Conselho de Segurança a suspensão do plano da partilha da Palestina.

A população judaica atribui as culpas aos ingleses, e os israelitas mais categorizados acusam também os britânicos de negligência criminosas.

O Primeiro Ministro inglês afirmou que o Governo de Sua Magestade não se deixará iludir e expulsar dos territórios antárcticos.

Começou em Londres a Conferência das Três Potências (Inglaterra, América e França) sobre o futuro da Alemanha.

A Conferência deliberou convidar os países da «Benelux» (Bélgica, Holanda e Luxemburgo).

Chefes do Partido Social Democrata da Hungria estão a apressar a saída do país por se ter iniciado a depuração do partido.

Julgo que não será descabido, no nosso jornal ventilar problemas de filologia relacionados com o desporto.

Por isso tratamos hoje de um, que nos parece de grande interesse, dado o incremento que está a tomar a vela desportiva entre nós. Deve dizer-se iate ou iote ou yacht ou hiate?

A questão foi ventilada já pelo sr. Joaquim Leote, dirigente do Clube Naval de Lisboa, mas parecemos-nos erradas as conclusões a que chega, por serem erradas as premissas de que parte.

Propõe ele que se diga iotadesporto e iotadesportista, duas palavras que consideramos barbarismos inadmissíveis.

A palavra yacht não se lê, como erradamente se supõe, iôte a não ser entre os americanos, entre os quais prevalece o critério da facilidade.

A pronúncia exacta do a de yacht é um som intermédio entre o ó e á, o qual não é nitidamente nem um ou outro; na pronúncia desses fonemas influi a pronúncia imperceptível, subtil, da aspiração representada pelo ch e que passou despercebida aos ame-

ricanos e porventura ao sr. Joaquim Leote.

Na transição de yacht para o português a evolução normal seria iaque, visto o f final se degradar com frequência em j, e a aspiração ocupar na palavra lugar mais resistente.

E a abonar esta conclusão temos as palavras ka-iak (barco de homem) e um-iak (barco de mulher) usadas em esquimo e que são vestígios duma comum raiz primitiva.

Como, porém, se generalizou a evolução para iate e se restringiu até a um tipo de barcos com armação especial quanto ao velame, entendemos que está consagrada e que não deve por isso banir-se da nossa lingua.

Substituí-la por iote é um consentano.

Em resumo: diga-se iate e não iote para significar barco de recreio; em vez de iotadesporto não ficaria mal o neologismo iatismo e em vez de iotadesportista diga-se iatista. É mais português.

E para o iate — tipo especial de armação (dois mastros envergando plano latino) não nos repugnaria adoptar o inglês schooner, mas aporтугueseado para chiúner.

Que dirão a isto os entendidos?

# De todos os desportos

## Registo e perspectivas da semana

O Campismo, bela e salutar actividade a que se entregam com verdadeira entusiasmo muitos dos jovens da nossa terra, acaba de ver realizada a sua maior aspiração.

Por inteligente compreensão do director dos Serviços Florestais e Agrícolas, sr. eng.º Luis Melo Sabbo, sancionada em despacho que encheu de júbilo todos os campistas pelo sr. Ministro da Economia, foi facultada aos praticantes da «vida ao ar livre», devidamente credenciados, a utilização das Matas Nacionais.

Esta medida, junta à da cedência pelo Estado do Parque do Guincho para «Casa-Abriço» e outras decididas manifestações de boa vontade das autoridades constituídas do país, marca o início de uma nova era do Campismo.

Não mais o temor dos guardas, não mais a indecisão quanto ao local de acampamento, não mais mil e uma dificuldades a desajugar o entusiasmo juvenil daqueles que procuram — e bem hajam por isso — no contacto com a natureza benéfico tónico de umas horas de ar puro, compensadoras do desgaste ocasionado por dias e dias de labuta em acanhadas, quando não absolutamente impróprias, instalações fabricis ou de comércio.

Uma decisão do sr. Ministro da Economia é, pois, muito de aplaudir — e de agradecer até pelos efeitos morais que pressupõe.

## Em vista ao Portugal-Espanha em basquetebol

As selecções do Norte e do Sul de Basquetebol defrontaram-se no último sábado, na Cidade Invicta, em jogo cujo interesse primário reside nas indicações a colher pelo seleccionador nacional com vista à formação da equipa que, em 3 de Maio próximo, terá a honra de bater-se com o grupo espanhol.

O combinado nortenho ganhou — e bem — por 39-30. Ao que parece, porém, o excessivo interesse dos portugueses pelo resultado do desafio privou o seleccionador de ver em acção, por tempo conveniente, todos os esportistas do Porto.

Cremos que, mesmo assim, não foi de todo improduttiva a realização do encontro. Já com ideias, de certo, es-

— Pela terceira vez consecutiva, a vitória pertenceu ao Sporting O recorde da prova estabelecido pelo Benfica em 1944 (1 h. 15 m. 8 s.) ficou, ainda desta vez, fora do alcance dos «elões». O tempo conseguido (1 h. 19 m. 8 s. e 4/10) pode, no entanto, considerar-se bom — dadas as condições desfavoráveis com que os corredores lutaram: vento contra e frio intensíssimo.

— O Benfica, no seu campo de treinos, efectuou um torneio reservado aos sócios e simpatizantes. O mau tempo afastou muitos dos atletas inscritos, mas a reunião nem por isso deixou menos vincada a sua utilidade.

— O Instituto Superior Técnico

(Continúa na 6.ª página)

# CONSULTAS

P.: — Sou empregado de escritório e a minha actividade exerceo numa empresa abrangida pela Caixa Sindical de Previdência do Pessoal da Indústria Têxtil, com sede no Porto e onde estou inscrito. Em horas extraordinárias faço a Escrita duma Casa do Povo e por isso sou obrigado a descontar para a Caixa de Abono de Família dos Organismos Corporativos e de Coordenação Económica, mas segundo o regulamento da mesma não venho a auferir benefícios. Não tenho o direito de requerer que os descontos feitos para a segunda sejam transferidos para a primeira, aumentando assim a minha conta corrente?

R.: — Não é precisa qualquer autorização. O preço é livre, e livre é o número das refeições. O mesmo se diga do «menu». Está tudo à livre vontade da administração.

P.: — Tenho para receber abonos de família dos meses de Outubro a Janeiro, que eram pagos pela Caixa Regional e passaram a ser pela Caixa de Previdência dos Operários da Indústria de Móveis. Já me dirigí pessoalmente ás duas Caixas mas nada conseguí. Peço-me informe a quem me devo dirigir para receber o dinheiro que de justiça me pertence.

R.: — O melhor é dirigir-se ao I. N. T. P., 3.ª repartição.

P.: — Estou empregado numa cartongem há dois anos. Terho 18 anos e a categoria de aprendiz. Ganho 20\$000 e faço todo o serviço respeitante à profissão. Na oficina não há mais pessoal masculino senão um aprendiz de 15 anos, que trabalha sob a minha responsabilidade. Como proceder para conseguir uma categoria correspondente ás minhas aptidões e responsabilidade?

R.: — Deve expor por escrito a sua situação à Comissão Arbitral da Indústria de Cartongem, com sede na R. da Boavista, 87-1.º

quem Regulamento interno para o funcionamento da mesma? As cantinas limitam-se a fornecer só o almoço ou podem fornecer também o pequeno almoço e o jantar? O «menu» terá que ser idêntico ao da F. N. A. T. ou pode ser outro qualquer?

R.: — A direcção pode fazer o que entender, neste particular, porque os Grémios não estão abrangidos pelo decreto 24.402, nem por qualquer outro diploma regulativo do horário de trabalho. Ressalva-se a hipótese de o decreto ou alvará da constituição do Grémio ou o seu regulamento disporem alguma coisa em contrário.

P.: — No Grémio em que trabalho, realizou-se há dias uma Assembleia Geral Extraordinária. Como para isso fosse necessária a sala da contabilidade, mandaram sair o pessoal duas horas mais cedo com a obrigação de compensarem com mais meia hora de serviço nos quatro dias seguintes.

Será o pessoal obrigado a trabalhar

P.: — Para o funcionamento de cantinas nas fábricas, será precisa autorização do I. N. T. P.?

R.: — Está estabelecido algum preço máximo para o fornecimento de comida ao pessoal? Será necessário fazer al-

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

3 meses . . . 12\$50  
6 meses . . . 25\$00  
1 ano . . . . 50\$00

Pagamento adiantado. Como «O Trabalhador» não fará cobrança das suas assinaturas, pelo correio, só enviaremos o jornal a quem nos remeter a importância respectiva em vale do correio ou por qualquer outra forma prática.

Para o funcionamento de cantinas nas fábricas, será precisa autorização do I. N. T. P.?

Está estabelecido algum preço máximo para o fornecimento de comida ao pessoal? Será necessário fazer al-

# O SONHO MANDAMENTOS DE UM OPERÁRIO

## que uma mulher redigiu

É mais que certo que ninguém deve acreditar em sonhos, mesmo quando se tem o mesmo sonho três noites a seguir... Só a gente simples e crente-deira é que vai atrás dos sonhos.

Porém os sonhos, se de modo nenhum querem dizer aquilo que parece, a não ser por acaso ou coincidência, todavia às vezes não deixam de ter o seu significado e a sua moralidade.

Um caso apenas, que por ser real tem mais valor.

Um operário contava certa manhã à mulher:

— O mulher, ora sempre tive esta noite um sonho...

— Que foi, homem? Ora conta lá. Está tão amarelo...

— Se te parece, mulher. Olha. Eram quatro ratos a virem para mim, em tropelia e furiosos como para me comer. À frente, um magro que parecia cejo e logo atrás dele um grande e muito gordo e a seguir dois mais pequenos e magros como um espreto. E como dizem que sonhar com ratos é mau agouro, estás a ver, mulher...

— Eu cá de sonhos não sei nada, mas o que é certo é que às vezes a gente sempre sonha com tais coisas, que até parece perde o tino. Sonhos assim... Pois olha, homem, não sei o que de dizer a tanto rato.

— Sei eu — disse dali muito lampeiro o filho. Então o pai não vê

que o rato gordo é o taberneiro que come tudo quanto o pai ganha quando para lá vai beber, e ainda por cima depois corre atrás de si com mais fúria: e que os dois ratos magros, como espreto são a mãe e eu, que não temos que comer e que andamos sempre atrás de si a recomendar-lhe que não gaste tanto na taberna?

— E o rato cejo? Aposto que sou eu? — disse o pai.

— O pai, eu não o queria dizer, mas sem dúvida que é o pai.

— Homem, vê! — exclamou a mulher, cheia de rancor. Pois não foi outra coisa o teu sonho. Dá mesmo tudo certo, Vês? Ora agora para o futuro vê se emendas de modo a não seres assim.

— Vês, vês... Que queres que eu veja, se sou o rato cejo?

Moralidade: Amigos operários! Lembrai-vos que sois o sustentáculo da família, que tendes um lar, uma esposa a amparar, os filhos a alimentar. Esse é o vosso grande dever.

Cumpri-o conscientemente como homens honrados e honestos que deveis ser. Fazei da vossa vida, acima de tudo, um exemplo que espalhe luz. De modo nenhum queirais ser ratos cejos... Olhai que a taberna é a vossa ruína.

JOSÉ ANTONIO SILVA

# UM MUSEU ORIGINAL

Morreu na semana passada o desportista Henrique Maufroy Seixas. Poucas pessoas, a não ser do meio náutico, conhecem o maravilhoso museu que era propriedade sua e que está instalado na rua de D. Estefânia, 175.

Só raros e muito raramente têm visto esse museu. Mas quem o viu, não pode conter-se que não deixe transbordar o seu entusiasmo em face das preciosidades que encerra.

Henrique Seixas era um apaixonado do mar e especialmente da vela. Dedicou, por isso, grande parte da sua vida e da sua fortuna à construção de barcos-miniaturas. O museu é um verdadeiro tratado da arte de construir barcos. «Construa o seu próprio barco» é o título dum livro que conhecemos sobre construção de veleiros.

Essa mesma frase pode sintetizar a preocupação absorvente daquele desportista.

Uma das vastas salas do museu está convertida, por assim dizer, em fundeadouro de barcos de recreio, mercantes e de guerra, alguns históricos, construídos com todo o rigor e com pormenores surpreendentes. Assim, um dos navios mercantes entre-

mostra o interior da cabina do comandante para se avaliar da fidelidade e precisão das reproduções, até não faltou entre o mobiliário e nas proporções da escala, a palmatória da mesinha de cabeceira.

Por este exemplo se avalia o resto. Nos navios não falta uma vigia, um cabo, nada. Tudo completo.

É a maior e mais preciosa coleção que existe na Europa na posse dum particular.

Uma das salas que se denomina Gago Coutinho, foi consagrada à aeronáutica naval e ali se encontra um modelo do «Lusitânia» e um bronze alegórico à primeira travessia aérea do Atlântico Sul.

Numa outra sala, das naus e fragatas, figuram grandes modelos de

navios dos séculos XV e XVII e a reprodução da célebre fragata «Illisies», que acompanhou D. João VI ao Brasil. Só a sala de Pesca tem noventa e cinco modelos das mais variadas embarcações do nosso litoral e dos nossos rios. Outros tipos de embarcações curiosas, tais como o barco singales, de Colombo; a jangada dos pescadores de Pernambuco; a canoa, de Macau, completam, com alguns valiosos oleos e aquarelas, o conjunto deste museu.

Henrique Maufroy Seixas levou o seu museu ao Estádio para figurar no Museu de Arte Naval.

Se o leitor se interessa por estas coisas da vela, não perca a primeira oportunidade que se lhe proporciona de admirar este original museu.

## Contra os maus efeitos

(Continuação da 1.ª página).

nela bem aberta, tanto de verão como de inverno, deve fazer uma série de exercícios físicos, muito simples, normais, com os braços, as pernas, o tronco, de maneira a «streinar» durante um bom quarto de hora todas as articulações e a repor os seus músculos em condições de marcha.

Deve lavar-se depois com bastante água e, se possível, aspergir o corpo com umas bombas esponjadas de água tépida.

Depois de um pequeno almoço suficiente, em lugar de se precipitar para o primeiro carro, deve fazer um bom quilómetro a pé, em direcção ao local do seu trabalho. Chegará ao escritório mais fresco, mais bem disposto e a sua papelada lhe parecerá muito menos aborrecida.

Depois do almoço, que deve ser sóbrio, em lugar de se instalar à mesa dum café, deve impôr-se o dever de dar um bom passeio, ao sol (quando o há, é claro).

À tarde, quando sai do seu escritório fático e enervado, deve dar uma boa caminhada de três quartos de hora a pé, na direcção de sua casa. Desembarçar-se-á assim facilmente de toda esta poeira física, material e moral que absorveu. Assim dará aos seus músculos o tónico quotidiano, tão necessário; e dará à sua circulação este impulso, esta renovação, sem a qual se sentirá pesado.

Ao domingo, se estiver bom tempo, em lugar de se encerrar no cinema, no «dancing», ou no café, deve sair da cidade, fazer um pouco de desporto, respirar o ar do campo.

Se o sedentário tiver força de vontade para seguir estas regras, verá como a sua vida será mais saudável e a sua disposição melhor.

Dr. Z.

Trabalhando apenas para obter bens materiais, construímos nós próprios a nossa prisão. Fechamos-nos solitários com o nosso dinheiro de cinza que não produz nada que valha a pena viver.

Saint-Exupéry

## Para seu marido

- 1 — Não me tragas amigos para jantar sem me teres prevenido pela manhã.
- 2 — Não esqueças, quando exprimeires um desejo, que eu tenho unicamente duas mãos; e que, portanto, não posso fazer-te ao mesmo tempo o casaco, os chinelos, os cigarros, o jornal, a gravata, o relógio, o café.
- 3 — Não me estejas a repetir constantemente que a tua mãe fazia as coisas e governava a casa melhor do que eu.
- 4 — Quando tiveres vontade de ir ao teatro, não tenhas a petulância de insinuar que sou eu quem está ansiosa por lá ir.
- 5 — Não demores até muito tarde fora de casa, e tem a bondade de, pelo menos, fingir que tens prazer em estar sempre em minha companhia.
- 6 — Adverte-me dos meus defeitos, mas sé indulgente com as minhas manias.
- 7 — Quando eu repreender a criada, faz-me o favor de não lhe dirigires imediatamente elogios sobre a maneira como ela cozinha.

## Para si mesma

- 1 — Com teu marido evita a primeira questão, porque a esta seguir-se-ão muitas.
- 2 — Lembra-te de que não casesse com um anjo mas com um homem; não te surpreendas de encontrares nele muitos defeitos.
- 3 — Não o aborreas com incessantes pedidos de dinheiro, mas vive de modo que não precisas de gastar mais do que ele semanalmente te dá.
- 4 — Pode ser que teu marido não tenha muito coração — encontram-se às vezes destas anomalias... — mas tem um estomago que te será útil para traças com mimo, fazendo-lhe bem a comida.
- 5 — Nas discussões com ele, deixa-o vencer uma vez ou outra, embora não tenha razão; ficará contente e tu nada perderás.
- 6 — Não leias revistas de modas, folhetins de jornais, anúncios de casamento e utilidades, mas procura instruir-te para poderes conversar com ele em coisas que o interessam.

## 7 — Mostra-te sempre atenciosa

- 7 — Mostra-te sempre atenciosa com ele; recorda-te de que quando era novo o consideravas um ser superior; não o desprezes agora.
- 8) Deixa-o estar na convicção de saber mais que tu, embora estejas persuadida do contrário. Esta vaidade lisonja-o e aumenta-lhe a confiança em ti.
- 9) — Se ele é inteligente, se sempre para ele uma sincera amiga; e se é estúpido, procura elevá-lo. Guarda-te sempre de o rebaixares perante outros.
- 10 — Respeita-lhe os pais a quem amou antes que te amasse a ti, e grava profundamente no teu coração que a afeição que lhes consagra em nada diminui a que te deve.

## Muito pouca gente PRÁTICA DESPORTO EM PORTUGAL

Segundo estatísticas recentes, há no país nada menos que 2.370 colectividades recreativas, 996 das quais de desporto.

Nestas colectividades estão inscritos 519.474 indivíduos de ambos os sexos. Eleva-se a 280.340 o número de sócios das organizações desportivas; mas não passa de 57.092 o número de pessoas que praticam as diversas modalidades desportivas.

Não incluímos nestes números os organismos oficiais.

Em todo o caso, consideramos afilativamente diminuto o número de praticantes do desporto.

Os três principais centros das actividades desportivas e recreativas são Lisboa, Port e Setúbal. O distrito de Lisboa figura com 454 colectividades, sendo 241 de desporto. A população associativa nos dois sectores é de 175.172 inscritos que pagam anualmente mais de dez mil contos de cotas; o distrito do Porto tem 327 colectividades de ambos os géneros com 67.126 sócios que pagam a cotização anual de mais de três mil contos; o distrito de Setúbal figura com 163 colectividades, sendo 86 desportivas, com 48.719 associados que pagam a cotização anual de cerca de 1.600 contos.

## O «TRABALHADOR» NO NORTE

# O «fiel amigo» mal tratado...

### Com o processo, actualmente seguido, de «cura branca» mal cuidada, do bacalhau nacional, sente-se gravemente prejudicado o consumidor

Em complemento da local que, no n.º 3 de «O Trabalhador», publicámos, acerca dos maus tratos que estão a ser infligidos ao bacalhau nacional — peixe, quando bom, tão saboroso e tão usado entre o povo, sobretudo o do Norte, que levava de um modo geral, a darem-lhe o excepcional tratamento de «fiel amigo» — podemos hoje registar alguns elementos esclarecedores desta desagradável situação que vem prejudicando comerciantes e consumidores.

Com efeito, procurámos e conseguimos informações que nos indicaram não só o origem do mal mas também a terapêutica para o debelar.

## Qual a origem do mal

Procurando inquirir qual a razão da má qualidade deste produto natural que Deus fornece bom ao homem e que este parece não querer por vezes aproveitar para o bem comum, conseguimos apurar, antes de mais nada, como primeira razão, a insufi-

ciência e a imperfeição da cura dada ao bacalhau nacional.

Quando os armazéns o recebem, leva um excesso de umidade que lhe confere um peso que, na realidade, não lhe pertence.

A cura branca (actualmente usada), ou seja a cura tendente a preparar bacalhau do tipo Noruega ou Islândia, tipos pouco da simpatia da gente do Norte que sempre preferiu o bacalhau de cura amarela, ou seja o do tipo inglês, não é feita nas condições devidas e dá ao peixe um mau aspecto, acrescentando ao mau aspecto o torná-lo intrajulgável pelo excesso de sal, ou como atrás dissemos, porque ele se desfaz quando posto de molho.

Além disso — e não compreendemos que se faça ao consumo de bacalhau de cura branca o público do Norte que sempre o preferiu de cura amarela, quando é certo que aquele, uma vez convenientemente preparado, podia muito bem destiná-lo ao Sul ou outras regiões onde o preferissem — além disso, que já não é pouco, aparece bacalhau defeituoso, de pele esfolada, arranhado (parece que conhecido por «solco» na gíria piscatória), e que dá a classificação de peixe de primeira qualidade. Ora tal peixe não pode ter boa cura, por mais que se tente, pois que nos navios de pesca não foi salgado convenientemente.

Outras vezes, é o próprio comerciante que recebe fardos nos quais já vermelho, deteriorado, incorrendo ele mesmo, e sem sua culpa, no perigo de multa pela fiscalização.

Por tudo isto, e não o afirmamos de cor, é urgente que as entidades competentes procurem remediar o mal, adoptando o mais depressa possível.

## Qual a origem do mal

Procurando inquirir qual a razão da má qualidade deste produto natural que Deus fornece bom ao homem e que este parece não querer por vezes aproveitar para o bem comum, conseguimos apurar, antes de mais nada, como primeira razão, a insufi-

# Nota Internacional

Como se sabe, o Parlamento da República Federal dos Estados Unidos da América do Norte, que oficialmente tem a designação de «Congresso» e se reúne em sessão legislativa no chamado «Capitólio» da capital federal de Washington, consiste da Câmara dos Representantes e do Senado, sendo o actual Congresso cronologicamente já o 80.º da sua série. O Senado compõe-se de 96 senadores, ou seja, dois por cada um dos 48 Estados federados que formam a União norte-americana, eleitos por um período de seis anos, mas sendo um terço desse total fixo renovado de dois em dois anos. O número de deputados à Câmara dos Representantes, presentemente de 435, varia pelo contrário proporcionalmente, de harmonia com o total da população de cada Estado — neste momento à razão de um «representante» por cada grupo de 301.164 habitantes — e a sua função parlamentar é de dois anos apenas. Politicamente, os membros deste octogésimo Congresso, agora reunidos em sessão final em Washington, conforme os resultados das últimas eleições legislativas, realizadas em 5 de Novembro de 1946, repartem-se como segue: — Senado, 51 Republicanos e 45 Democráticos, total, 96; Câmara dos Representantes, 246 Republicanos, 188 Democráticos e 1 Trabalhista, total 435. O seu período legislativo, que começou no meio dia de 3 de Janeiro de 1947, chegará ao seu termo normal ao meio dia de 3 de Janeiro de 1949, ou seja, em menos de um ano. Assim, as eleições gerais para o próximo Congresso, o 81.º, deverão pois realizar-se em 2 de Novembro deste presente ano de 1948, isto é, já dentro de uns oito meses, o que, em boa verdade, quer dizer que tudo o que até lá se disser e se fizer dentro e fora das reuniões do Congresso, política e parlamentarmente falando, será em grande parte necessariamente já dito e feito com os olhos postos nas conveniências e nos interesses de propagação partidária para essas novas eleições de Novembro.

Ora, conhecendo-se a forte, a mesmo divisiva, influência pessoal e acção política que a referida Constituição garante ao Presidente dos Estados Unidos — é o chamado sistema democrático-parlamentar «presidencialista» — e tendo-se além disso em conta que nas últimas eleições gerais, realizadas em 5 de Novembro de 1946, portanto já após o desaparecimento do tablado político da forte e dominante personalidade do Presidente F. D. Roosevelt, o Partido democrático perdeu nas duas Câmaras do Congresso a maioria que ali detivera ininterruptamente durante mais de uma dúzia de anos e que praticamente lhe permitira governar o país como que numa espécie de ditadura parlamentar e administrativa, compreender-se-á facilmente a razão por que a luta, aliás sempre viva, entre os dois grandes Partidos políticos dos Estados Unidos — o Democrático e o Republicano, este último bastante mais conservador do que o primeiro — vai aumentando cada vez mais, em ardor e em alcance, e que quase sem querer os actuais deputados e senadores se encontram já predominantemente influídos por considerações de política partidária interna, mesmo na apreciação parlamentar dos grandes problemas da política internacional que pela sua própria natureza deveria ser tão objectiva quanto humanamente possível.

E é nesta atmosfera especial que dentro de dias o Congresso de Washington vai começar a discutir em sessão plenária o chamado Plano Marshall, já largamente discutido nas reuniões públicas das respectivas Comissões especiais das duas Câmaras. Resta por isso examinarmos com particular interesse esse tão discutido programa de auxílio para a reconstrução económica da Europa devastada pela guerra.

Explicando o nosso plano, queremos responder a algumas observações que nos foram feitas. Demos tempo ao tempo.

Já podemos agora avançar um pouco mais. Vamos estudar a «mecânica» dos preços.

O que é o preço? — É a expressão em dinheiro do valor de uma mercadoria. Dizendo: esta mercadoria custa dez escudos, afirmamos qual é o seu valor, isto é, medimos o seu valor.

Com efeito a moeda é um valor que serve para medir os outros valores, como o metro é um comprimento.

# APRENDAMOS ECONOMIA

Por ABEL VARZIM

## NOÇÕES FUNDAMENTAIS (V)

Nota: Estas «lições» de economia não são destinadas a mestres, mas a «aprendizes». Por outro lado, julgamos preferível, para se discutir mais tarde as bases de uma economia humana, começar por dizer como funciona a economia actual. Sem estes conhecimentos, dificilmente se poderão criticar os erros da economia liberal e capitalista.

Explicando o nosso plano, queremos responder a algumas observações que nos foram feitas. Demos tempo ao tempo.

Já podemos agora avançar um pouco mais. Vamos estudar a «mecânica» dos preços.

O que é o preço? — É a expressão em dinheiro do valor de uma mercadoria. Dizendo: esta mercadoria custa dez escudos, afirmamos qual é o seu valor, isto é, medimos o seu valor.

Com efeito a moeda é um valor que serve para medir os outros valores, como o metro é um comprimento.

Uma das qualidades de uma boa medida é ser estável, isto é, invariável. O metro tem esta qualidade. A moeda não a tem. Mas para o estudo dos preços, temos de partir, por agora, da hipótese de que a moeda é uma medida estável. Mais tarde, estudaremos a instabilidade da moeda.

Para conhecermos a «mecânica» dos preços, temos de começar, portanto, por admitir que a variação dos preços é apenas causada pela variação do valor das mercadorias, e não também da moeda.

Posto isto, já podemos continuar dizendo que, sempre que se fale do preço dum mercadoria se entende o seu preço num determinado mercado. Mercado, segundo a definição comum, é o conjunto de pessoas que estão em relação de troca com respeito a uma mercadoria, e entre as

# Informações Sociais DE TODO O MUNDO

### Falta de mão de obra

Depois da guerra — e por causa dela — desorganizou-se a economia de muitas Nações. Cidades e fábricas destruídas, mortos, mutilados e prisioneiros, tudo enfim quanto a guerra produz veio criar em muitas nações da Europa gravíssimos problemas sociais.

A maior parte das Nações querem reconstruir-se mas não têm mão-de-obra suficiente para isso. Andam portanto à busca de operários estrangeiros como de pão para a boca.

As únicas Nações da Europa que, segundo informa a Revista Internacional do Trabalho, têm um excedente de mão-de-obra são a Itália e a Grécia. Todas as outras — nós cá exceptuamos Portugal desta fome — estão muito carecidas de operários.

Têm-se, por isso, realizado várias coisas para remediar o assunto.

- 1.º Estabelecer um plano de reconstrução económica;
- 2.º Recensar todo o pessoal disponível na nação, para a realização desse plano;
- 3.º Entrar em contacto com as outras nações que têm excedente de mão-de-obra para que parte desse excedente lhes seja cedido;
- 4.º Utilizar melhor os que estão ainda com alguma capacidade de trabalho (mulheres que só poderão trabalhar algumas horas por dia, deficientes e inválidos parciais), e prolongamento do trabalho.

Todos os países têm estabelecido os seus planos de reconstrução e recenseado o pessoal activo. E todos têm igualmente reconhecido que o rendimento do trabalho é uma das necessidades mais urgentes da hora actual pelo que têm desenvolvido extraordinariamente a Orientação Profissional e a Formação Profissional.

Mas tendo igualmente verificado que o rendimento do trabalho depende em muito das condições em que se trabalha, estudos têm sido feitos e medidas têm sido tomadas para aumentar esse rendimento.

Apesar de tudo, muitas nações não conseguem obter ainda a mão-de-obra necessária e têm estado a negociar com outras a cedência de operários.

A França, por exemplo, concluiu um tratado com a Itália para a cedência de 20.000 operários em 1947.

A Inglaterra concluiu um acordo para receber 2.800 operários metalúrgicos. A Bélgica fez o mesmo para receber 50.000 italianos destinados à indústria do carvão.

Todos estes acordos fixam as condições de recrutamento deste pessoal, a sua alimentação, remuneração e condições de trabalho, bem como as condições em que as famílias dos operários que permanecerem em país estrangeiro deverão ser alojadas e asseguradas.

A Argentina, a Venezuela e outros países da América têm feito também acordos semelhantes para obter a mão-de-obra de que carecem.

Este intercâmbio é completado tam-

## Medidas que se impõem

Da mensagem que o Presidente da República do Brasil dirigiu ao Congresso Nacional em Março de 1947, condensamos o seguinte:

As medidas do seguro social serão estendidas a toda a população sem exclusão de classes ou de grupos profissionais. Naquela data eram membros activos de instituições de seguros sociais 2.900.000 trabalhadores e 5.800.000 membros de família destes trabalhadores, totalizando 19 por cento da população do Brasil.

Em número reduzido é devido à exclusão de trabalhadores agrícolas num total de cerca de 10 milhões. Em 1947 as instituições de seguro social terão em caixa cerca de 4.132.711.000 de cruzeiros e desembolsarão cerca de 2 bilhões. Estes fundos, diz a mensagem, devem ser geridos de maneira a aumentar o bem estar da população operária especialmente no que diz respeito à alimentação e habitação, sem que daí resulte contido inflação. A guerra fez diminuir o nível alimentar do Brasil. Será necessário, para lhe dar remédio, financiar a produção agrícola por intermédio dos institutos do seguro social.

O governo favorece o financiamento, por estes institutos, da construção de casas destinadas a ser vendidas ou alugadas aos trabalhadores segurados. Por sua iniciativa, os institutos já contribuíram com 188.194.000 de cruzeiros para a «Fundação da Casa Popular», organismo recentemente criado para resolver o grave problema do alojamento dos trabalhadores.

Sobre legislação operária, diz a mensagem, deverão ser tomadas medidas para que o direito de greve não prejudique o interesse público, bem como para regulamentar o acesso dos trabalhadores ao lucro das empresas e para fixar salários mínimos, não já sob uma base individual, mas tendo em conta as necessidades familiares, como o quer a constituição.

No que respeita à agricultura, a mensagem recorda que, devido à excessiva concentração da propriedade rural, existe no Brasil uma classe numerosa de trabalhadores rurais cuja defesa é preciso tomar. O Governo depôs no Congresso um anteprojeto de «Código rural», mas o Governo já adquiriu nos Estados Unidos dos tractores e máquinas agrícolas no montante de 40 milhões de cruzeiros como primeiro passo para a adopção de métodos de trabalho mais modernos, susceptíveis de remediar a baixa de produção causada pelo êxodo rural.

Trata-se do trabalho de cabotagem e outros similares em barco de menos de 25 toneladas. O decreto que o regula é de Fevereiro de 1947.

A duração normal do trabalho, tanto no mar como no porto, não deve exceder 8 horas por dia ou 40 horas por semana. Se o mestre do barco o julgar necessário podem fazer-se horas suplementares, mas serão pagas por uma taxa superior ou descontadas nas horas de trabalho a seguir. Não são consideradas horas extraordinárias as exigidas pela segurança do navio ou as consagradas a socorrer outros navios ou pessoas em perigo.

Horário de trabalho nos portos da Nova Zelândia

Sindicatos chineses

Movimento social no Brasil

(Continua na 8.ª página)

PHILIPS lâmpadas

## De um operário a outro operário

A nossa conversa de hoje vai fiar-se, ainda no prosseguimento da anterior, na força do exemplo.

É comosinho afirmar-se, mas nem por isso menos apropriado repetir-se, que o bom exemplo é a melhor lição, o melhor discurso, o melhor aviso, a afirmação mais convincente e que não facilmente acorda as nossas facilidades, fazendo-as, por vê-las de tal maneira estranhas, aglutinarem-se, nos desperta e leva a aceitar princípios e a vivê-los em prestígio da nossa pessoa e da verdade que antes nos tepugnava e nela não democamos, durante um segundo, o pensamento.

O exemplo é força que arrasta; caminho que se oferece; fogo que alenta; luz que ilumina ou escuridão que nos perde; é, sobretudo, iman que nos atrai.

Doutrina exposta com sinceridade e valorizada pelo exemplo, conquista e converte.

De que nos serve defender a economia e revelarmos o contrário, na prática? De que aproveita ao chefe de família, ao pai, exigir respeito, disciplina, obediência e cooperação, se ele próprio, em tudo e sempre, se revelar atrevido e falsos princípios destrutivos da estabilidade da família, ao mesmo tempo pomenor de uma importância na educação dos filhos? Verdaderamente a sua acção torna-se tão demolidora quanto a sua existência se acentuar desautorizada e anárquica.

É fácil, imensamente fácil, exigir dos que dependem de nós o cumprimento do dever. No entanto, quanto se esquecem de perguntar a si em que altura vai essa obrigação, igualmente a cair sobre eles?

É verdade que encontramos mais filhos apesar dos pais em tudo serem modelos. São excepções raras. Há óptimos operários apesar dos pais serem péssimos. É frequente. Mas impõe-se agora a pergunta:

— Que seria destes operários bem servidos de pais e daqueles filhos de pais com estofos iguais?

Os primeiros seriam bastante piores, e os segundos tornavam-se admiráveis.

O ambiente da educação e do trabalho pertence, em grande parte ao exemplo dos responsáveis. Porém, esta verdade facilmente se esquece, por egoísmo ou falta de preparação. Aqueles erros causados por quem

toma posições de comando sem as requeridas qualidades de inteligência e coragem, não são, pois, repeti-se, com todas as consequências desastrosas.

Por isso defendemos, e tu aceites, certamente, que o prestígio da autoridade vem também do exemplo — essa lição admirável de todos os moços, de nos valorizarmos, poderemos levar outros, ao mesmo tempo, a seguir-nos: No lar, a mulher e os filhos; no trabalho, os nossos companheiros; na convivência com tantos das nossas relações, esses mesmos, que às vezes se desorientam e perdem empurrados pela falta de estímulo de uma palavra amiga e do bom exemplo.

Oh! Sim, quanto pode a força do exemplo! Se for mau, com facilidade perturba e mata.

Se cada um de nós se compenetrar dos seus deveres e nos dessemos a cumprir-los com o escrúpulo de quem tem de fazer bem para exigir aos que dependem de si igual procedimento, muitas coisas más se evitariam e a vida seria, em tantas circunstâncias, menos agreste. E, o que é mais consolador e edificante, tornar-nos-íamos semeadores de bondade em cada lugar onde estivessemos presentes, e alentadores de vontades fracas e de almas amortecidas.

Se nem sempre o teu procedimento esteve de acordo com estas nossas considerações, por que não há-de resolver-te, — que sejas solteiro ou casado, operário ou patrão, — a impor a ti próprio o dever de em tudo e em toda a parte, seres exemplo a apontar e digno de ser imitado!

Vencer o egoísmo e a vaidade é batalha que exige resoluções fortes, denunciadoras de uma alma superior. Se ainda te não dispusesse a isto vence o que te impeça de o fazer, certo de que outros beneficiarão do teu exemplo.

Uma grande maioria vive... sem viver. Distingue-se dos fracionais... que se pior do que eles. O seu exemplo é tudo proclamação de uma vida desequilibrada, com exterioridades que não tapam nada e intimidades que aultam e se denunciam. Poucos são os que encharcados no lodo se vencem e reabilitam. Os milagres não se repetem todos os dias... Mas até nestas

tristes emergências do corpo e do espírito há atitudes que movem e manifestam a verdade do querer e poder.

Todos podemos, afinal, ser motivo de bom exemplo, ainda mesmo aqueles que julgam incapazes de conseguir tanto. É só questão de retomar o caminho perdido ou começá-lo agora, desde que de futuro a honestidade, o amor ao trabalho e o bom uso da autoridade e da justiça, sejam normas de uma vida nova.

— Como o mundo seria mais belo, se assim fizéssemos todos!

PAULO DA CRUZ

## De todos os desportos

(Continuação da 3.ª página)

sempre na vanguarda do Desporto Universitário, promoveu, na última semana, curioso certame de atletismo em pista coberta.

Muito embora o seu Ginásio não reúna condições suficientes para o êxito completo dum concurso do género, a verdade é que o público acorreu em número apreciável e teve ocasião de apreciar boas lutas entre os concorrentes.

### Vária

Com vista a uma larga digressão pelo estrangeiro, os andebolistas lisboetas considerados em condições de fazerem parte da equipa da capital, têm realizado periódicos treinos — de selecção e preparação.

Para que os trabalhos respectivos decorram da melhor maneira, foi suspenso o torneio lisboeta.

— Malograda a realização do 4.º Portugal-Espanha de hóquei em patins, a substituir talvez por um Estremadura-Cataluña, os seleccionados dos portugueses continuam a sua preparação — olhos postos no título Mundial que defenderão em Montreux, de 25 a 29 de Março próximo.

— O Raquebi, que já conheceu brilho entre os desportos menos favorecidos pelo público, parece este ano querer voltar à animação dos outros tempos.

O campeão de Lisboa já principiou, caprichando os dirigentes, desta feita, em que os desafios se realizam apenas em campos relvados. Isso tem sucedido — e muito vantajosamente para os praticantes...

— O Campeão de Lisboa de Voleibol, já na terceira jornada, continua a proporcionar a movimentação de centenas de praticantes e a fornecer algumas surpresas, quanto aos resultados dos desafios.

— O Hípismo voltou a animar o velho campo do Jockey Clube e a chamar ao redor dele assistências numerosas e elegantes...

JOSE ILHARCO

S.E.T. — SOCIEDADE EDITORIAL «O TRABALHADOR»  
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO (provisórias)  
Rua das Janelas Verdes, 47 — LISBOA  
Telefone 61464

Camisaria TUFÃO, L. DA  
CAMISAS POR MEDIDA

Rua Nova do Almada, 76  
LISBOA Telef. 21831

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

## CONVERSAS DE CRIANÇAS MÃEZINHA, O QUE É A GUERRA?

Num desses países ainda há pouco assolados pela guerra, e ainda não refeitos, foi presenciada esta cena.

Há uma hora que o comboio corre por entre a paisagem. Não conseguia ler a revista que levava. A minha frente, no lugar da janela, um pequenito de uns cinco anos olhava com atenção os campos que passavam diante dos seus olhos. A todo o momento se sucediam às exclamações de «olha» e de «que é aquilo?», «que é isto?» e depois as explicações sem fim.

Realmente não era possível prosseguir na minha leitura. Se ao menos eu pudesse, como a mãe do pequenito, entreter-me com um «tricot» ou cousa no género, mais infelizmente... Assim tive de escutar aqueles «porquês» e «porque não» sempre renovados. Mas não perdi o meu tempo, porque além de ficar banhado na doce calma daquela mãe, também levei uma boa lição de como se educa.

— Uma certa altura, o comboio atravessou uma ponte ainda há pouco reconstruída. Um pouco para o lado, alvejava-se o arco partido de outra ponte que não fora reconstruída.

— Veja, mãezinha, que é aquilo?  
— É uma ponte.  
— Porque está ela assim, mãezinha?



FORUM DESENVOLVIDO POR SOLIDARIEDADE

## PARA O ENTENDIMENTO NO LAR

Para que o lar seja feliz, é indispensável que os dois se conheçam e se compreendam, para saberem como se há-de haver um com o outro. Sem isto, raras vezes se poderão evitar as desinteligências. Continuemos, pois, a análise das diferenças entre o homem e a mulher.

A mulher é muito mais sensível do que o homem e, por isso mesmo, mais apaixonada. Vivendo para o concreto, para o prático, tem uma tendência natural e profunda para consagrar a sua vida ao amor, mas ao amor tangível, individualizado. Se tem bons sentimentos, dar-se-á aos outros com dedicação, procurando apaixonadamente a felicidade alheia por vezes em maravilhas de heroísmo inigualáveis; mas se tem sentimentos vulgares, procura a sua própria felicidade com igual paixão, e então, deseja subordinar os outros a si mesma, num egoísmo que chega a atingir requintes de perversidade. Ordinariamente o amor feminino é misturado de duas tendências: subordinar todos a si, dar-se totalmente aos outros.

Por isso, para a mulher, o amor é tudo na vida.

Já o mesmo não acontece com o homem, sobretudo na medida em que ele é mais homem. O principal é o

seu trabalho, a sua profissão, a sua carreira, a sua obra. O amor, para ele, é um acidente. E, ao contrário da mulher para quem a vida não tem outro fim senão o amor, o homem entende que o amor é uma fraqueza, que não vale a pena dar-se inteiramente a ele, que há coisas mais importantes na vida.

O homem estimará, portanto, a sua vida, por se julgar infeliz, para o marido, porque o «amassar» constantemente, o tortura, não o deixa em paz com ciúmes disparatados.

O homem, vendo então que a sua mulher, em lugar de se dar um auxílio é um impedimento; em lugar de criar um ambiente agradável que lhe permita repousar das suas fadigas, mais o cansa com as suas incompreensões, começa a perder a estima por ela e acaba por «sportá-la» com dificuldade.

Homem e mulher muito há-de aprender do conhecimento mútuo. Se soubessem como são e quais as tendências que a natureza deu a cada uma, certamente que não chegariam nunca ao desamor.

A felicidade do lar depende também disto. Que homens e mulheres meditem nestas realidades e se adaptem melhor um ao outro.

Continuaremos.

## NOÇÕES DE PUERICULTURA

PREPARE-SE PARA A SUA CHEGADA

(Continuação)

SAÚDE. — Comece por encaminhar os passos para o médico. Ele quer saber que doenças já teve no passado. A gravidez é o melhor dos testes de saúde — se alguma doença estiver em si latente, está esta a altura em que se manifestará. Por isso o médico quer saber e (repetir mais tarde) um exame minucioso ao seu organismo. É dever do médico fazer o possível por prevenir qualquer primeiro sinal de doença que se avizinha. Por isso o seu exame será tão cuidadoso, por isso quer que continue a vigiar as condições de vida e de nascimento do seu filho. Recomendar-lhe-á também cuidados especiais na alimentação.

ALIMENTAÇÃO. — O mais importante é comer alimentos frescos: leite puro, ovos, manteiga, queijo, frutos, saladas e outros legumes, e isto desde o primeiro instante em que se anuncia a vida do vossos herdeiros; pois, no início do seu desenvolvimento é que a criança mais se ressentirá de uma alimentação deficiente e de uma vida pouco higiênica da mãe.

Se a senhora gosta de leite, lhe não faz mal e puder comprá-lo, tome até um litro por dia; mas, se o leite não for o seu forte, não se preocupe. A carne e peixe devem ser tomados com moderação. Até seria conveniente adoptar-se uma dieta quase vegetariana, comendo carne quando muito uma vez por dia. Não queira «comer por dois»; é desperdício. Como o que tem na vontade, mas cuide em não aumentar muito de peso.

Em quarenta semanas deve aumentar uns nove quilos pouco mais ou menos. Isto dá em média quase uns duzentos e cinquenta grammas de aumento por semana. Mas na realidade o aumento será mais lento nos primeiros meses e mais rápido para o fim. Em todo o caso não deverá aumentar mais que uns dez quilos e, se já era demasiado forte, deverá aumentar menos.

Se se aconselha que se conserve dentro de certos limites de peso, não é por razão estética; mas sim para evitar aquelas desordens na gravidez, que os médicos agrupam sob o nome de toxémias da gravidez. Nem se deve confundir esta recomendação com aquela crença tão pouco verdadeira de que, cuidando de se manter o mais esbelta possível, terá com pouco custo uma criança de pequeninas proporções.

Não evite de modo nenhum comer o que tem na vontade — mas coma com disciplina. Assim como as construções precisam de bons alicerces, assim as crianças precisam de boas matérias com que edificar músculos, ossos e cérebro.

EMPREGO. — Se trabalha fora do lar e quer conservar o seu lugar, comece a planejar a sua vida:

Informe o seu patrão com bastante antecedência para que não venha a ser informado por outra pessoa e não seja forçado a procurar de repente quem a substitua. Ninguém gosta de ter de mudar os seus planos à última hora.

Muitos patrões já hoje ouvem com calma a notícia que tem a dar-lhe e já sabem que a não deverão substituir. Antes lhe darão três ou quatro semanas de licença.

O tempo a seguir ao nascimento é mais valioso para a sua saúde. Por isso o melhor é esforçar-se por continuar a trabalhar até ao último dia e guardar para depois o descanso.

Falando nisto — vem-nos à mente aquela pergunta: Pode uma mulher ocupar-se num trabalho fora do lar e cuidar dum filho?

Para isso é que a resposta é NÃO PODE, a não ser que tenha uma extraordinária resistência e vitalidade.

Ou o emprego, ou a criança há-de ficar prejudicada. É a alegria e felicidade que lhe dará o seu filho dependem do tempo que puder consagrar-lhe.

Há ocasiões em que a família não pode manter-se, se a mãe não trabalhar fora do lar. Neste caso, o menino terá de ficar entregue aos cuidados de outros. Mas, quantas vezes, se vêem mães que sacrificam deliberadamente o filho ao orgulho da sua independência ou a sua carreira... A estas a experiência mostra (mas apenas mais tarde...) que isto é um grave erro.

A vida é como a água do mar, agitada, desagradável de beber; mas conduz a queles que se mexem.

René Bazin

### VERTICAIS: 1 — Expressão latina que se emprega para assinalar um disparate; palavra que entra numa expressão que significa propagueado.

2 — Recurso nocturno. 3 — O primeiro canal que já foi. 4 — Palavra dum expressão que significa superficialmente; fatigante. 5 — Ergue; chegar. 6 — Ofertará; juízo. 7 — Artigos; nome próprio; terminação verbal. 8 — Alfaia agrícola. 9 — Vencimento; oportunidade.

### PARA PREGAR SUSTOS

O método de luta contra os indesejáveis visitantes nocturnos consiste em depositar uma composição detonante sobre o soalho dos compartimentos abandonados. Assim, mal alguém aí entra, o único contacto do seu calçado, embora seja de feltro, basta a provocar uma série de pequenas explosões, de resto sem perigo.

Para isto basta semear sobre os pontos onde se não receiam manchas, um pouco, «muito pouco», de iodo pulverizado. Derrama-se-lhe em seguida em cima amoníaco, justamente o bastante para impregnar o iodo. Desde que o líquido se evapora, fica apenas o iodo de azoto, detonante extremamente sensível aos mínimos atritos.

Quando se emprega sobre o soalho podem usar-se pedaços de cartão sobre os quais se coloca um retalho

de papel mata-borrão que receberá o pó de iodo e o amoníaco.

### CONSULTAS

Há um leitor de Lisboa — o «Amador» que quer pintar uma divisão da casa a tempera.

Há alguém que queira ensinar-lhe como se procede, antes, durante e depois?

Outro leitor — esse da linha de Cascais — «Nauticus» pergunta se há alguém que lhe ceda lugar num barco de vela — «umas vezes por outras» para se divertir um pouco; em que dias, a que horas e em que espécie de barco?

As respostas, como habitualmente, devem ser dirigidas para:

CÉSAR AFONSO  
Calçada dos Barbadinhos, 30-1.º  
Lisboa

Camisaria TUFÃO, L. DA  
CAMISAS POR MEDIDA

Rua Nova do Almada, 76  
LISBOA Telef. 21831

Dedicamos a secção de hoje quase exclusivamente ao registo da correspondência que temos recebido de crítica — no verdadeiro sentido da palavra — à orientação seguida.

E começamos pelo registo, que se torna mais fácil, da correspondência que não diga respeito ao concurso do número 1.

Esta fica para a próxima semana; mas desde já podemos informar que a quase totalidade das respostas não corresponde à nossa expectativa.

Algumas respostas são interessantes, com certa originalidade.

Mas aguardemos; e entretanto iniciaremos a nossa resposta à série de cartas que temos recebido. De dois entusiastas da secção.

AILEDA E ALEX RANITA — Dois bons amigos que só são efusivamente e aos quais agradeço toda a colaboração que queiram prestar. Digam-me em que se empregam nas horas vagas das charadas e palavras cruzadas...

O facto de serem «novatos e inexperientes» interessa pouco.

O que importa é que se esforcem em resolver os problemas que propomos.

É quanto ao mal-entendido, o que lá vai, lá vai.

Aileda — Nômarca (secção do n.º 2) — Não é palavra galegada. Já viu as respostas ao n.º 3 — Resposta se sabe...

É um assíduo decifrador de palavras cruzadas, às quais responde com prontidão.

Alex Ranita — Estamos entendidos também.

Continue a responder, mesmo que não acerte em todas as perguntas.

O seu problema para o concurso de palavras cruzadas do n.º 5 não é bem o que pedimos, mas será publicado.

Nós queríamos um problema em que todas as palavras empregadas tivessem nove letras. Isso será um pouco mais difícil, mas veja-se o que segue. No problema que nos mandou do dia 12, tem palavras invertidas; não concordamos com o critério dos compartimentos, por assim dizer estanques; é preferível adoptar o sistema dos vasos comunicantes...

Sardão Fontes — Foi o único que respondeu correctamente ao problema do relógio, do n.º 3. Está também exacta a resposta à pergunta n.º 2. Faltou o alfabeto.

Os «Lusíadas» são de facto, um bom livro, tão bom que até Camões se a afogando para o salvar do naufrágio...

Lusitano — Sinceramente desejamos as suas melhorias; tenha a coragem de acreditar que há-de melhorar.

O endereço do Léo é:  
LEONARDO CARDOSO  
Sanatório de Santa Maria  
Caramulo

A respeito de iote, iate e hiote veja a diferença que lhe atribuímos. Quanto à lancha, admita a ausência dum ponto que a tipografia acrescentou e a revisão deixou passar.

As deficiências que aponta quanto aos problemas não são tão graves como insinua. O facto de não ter resolvido totalmente os nossos problemas não lhe dá o direito de ser tão severo.

Trabalhe e verá como os resolve. Não deixe de escrever.

### RESPONDA SE SABE...

(...e se não souber leia num dos próximos números).

1) De «Manuel Mareno» recebemos o seguinte problema — que já conhecíamos — mas que publicamos para o caso de os leitores que o não conhecerem se entreterem:

Um turco, por sua morte, deixa em testamento 17 camélos que lega a seus três filhos na seguinte proporção:

Metade do legado para o primogénito; um terço para o segundo e para o mais novo, um nono.

Pergunta-se: como será possível ao testamenteiro fazer a partilha, sabendo-se que os camélos não se podem partir em bocados, senão mortos?

2) Sabe o que é o grande zigomático?

3) De o maior número possível de nomes de animais terminados em i no género de colibri, etc.

4) Que é um acróstico?

5) Sabe o que é um suami?

### RESPONDA SE SABE...

(respostas a um dos números anteriores)

1) Juntando álcool e água há uma contração de volume, o que parece ir contra uma das célebres leis fundamentais da química. Mas não sucede tal; o que diminui em volume reflecte-se em energia ou calor (que é coisa parçada)...

2) Numismática, é o estudo das moedas e medalhas antigas.

3) Segundo o abbé Breuil, o homem existe no mundo há mais de 500 séculos e há investigadores que doham a partida.

Mas isso é lá com eles...

4) Índio é o habitante da Índia; tanto lá que seja do Indústia como do Paquistão.

Hindú é o que professa o hinduísmo — uma religião.

5) Chamam-se índios aos nativos do Brasil, porque Colombo quando descobriu a América julgou ter aportado à Índia.

6) Ariete, quer dizer arma antiga de guerra. Chama-se assim porque tinha a forma da cabeça dum carneiro (que em latim se diz aries — ariete). Arombavam-se as portas ou as muralhas, à marrada, salvo seja.

7) Diz-se português e não portuguesamente, porque a formação daquele advérbio data da época em que português era um adjectivo uniforme. Nas «Cantigas de Amigo», da época medieval, vem, por exemplo, a expressão, *uia senhor*, dirigido a uma senhora.

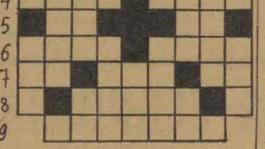
Há exemplos de português — feminino, na literatura da época.

### Em resposta à pergunta do n.º 4 relativa a barroco, recebemos de Alex. Ranita alguns elementos curiosos que reproduzimos:

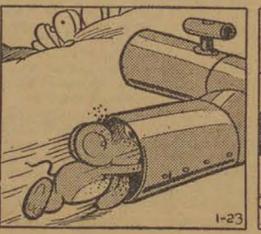
Barroco tem várias significações; de entre elas destaca: «Montículo de palha trilhada que se junta nas eiras, quando se limpam cereais»; «Precipício»; «Covas naturais e profundas existentes em terrenos rochosos, também denominadas «Algar» ou «Caverna»; «Ribeira de Portugal, que nasce na Serra da Aradas».

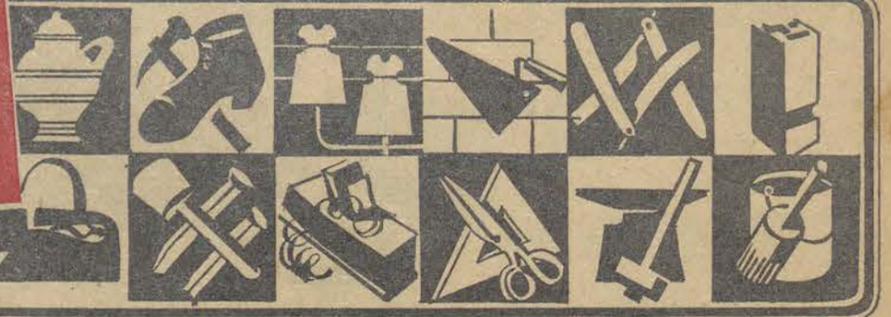
### PALAVRAS CRUZADAS

Problema n.º 6  
proposto por «Ingléu» da Guarda



HORIZONTAIS: 1 — Unidos. 2 — Diz-se das letras. 3 — Título dum poema célebre, porventura a melhor que se conhece; imenso elemento imprescindível à vida do homem debaixo de água. 4 — Fogue (pop.); serra portuguesa. 5 — Expressão do homem que move o grande zigomático; mexa-se. 6 — Passar; barba (calão). 7 — Palavra habitual destes problemas; fruto; artigo. 8 — Dê à luz. 9 — Assinalara.





# AS CRIADAS DE SERVIR...

## UM CASO SÉRIO

As criadas estão na ordem do dia, como problema grave da complexa vida citadina e como tema literário largamente explorado em cinema por se prestar ao riso fácil o aspecto caricatural da sua presença na sociedade.

Ao lado do lisboeta que ri com as facécias e ingenuidades da «sopeira» bronca, trapalhona, estouvada, e desajeitada, ou sonâmbula quase sempre inconsciente, há o lisboeta que chora com as proezas das criadas gatinhas que se abotoam com o que encontram a jeito e que menos dê nas vistas.

O brado de alarme já foi lançado. A cada passo os jornais dão conta de roubos praticados por esta e por aquela serviçal, imitando-se na maioria dos casos a um comentário ou título jocoso, como se o caso fosse para graças.

Segundo número estatístico avariado recentemente à publicidade, há, em Lisboa, cerca de cinquenta mil criadas de servir. Nenhum elemento temos que nos permita dúvidas, pelo que o consideramos como certo.

As queixas apresentadas à Polícia em 1947 contra criadas gatinhas ascendeu a 500.

Bem entendido que este número está à quem do verdadeiro número de roubos: uns porque não têm importância, outros porque dariam uma grande massada, e outros por falta de testemunhos suficientes e necessários para fazerem fé em Tribunal.

### A identificação das criadas

Uma das soluções apresentadas seria, em face da carta de racionamento da serviçal, passar um cartão com retrato autenticado com selo branco do governo civil e com a impressão digital do polegar.

Como se vê nada mais prático e nada mais eficiente e nada mais parecido com certo documento.

«Estejamos certas, diz uma patroa, de que dentro de cinco anos não haveria já esta série ininterrupta de criadas gatinhas. Sim. Daqui por uns cinco anos. Porque o saneamento deve levar esse tempo a fazer-se. Nem só as cadastradas roubam. Há a criada-nha afoxa que para ajudar ao seu enxada não se importa nada de deitar a mão a meia dúzia de lençóis ou a uma prata de valor. Sim. Deve levar uns cinco aninhos isto de pôr as «ovelhinhas ranhosas» todas na terra e ficarmos apenas com essas boas e simpáticas raparigas que a província vêm ganhar, honradamente, a sua vida, para Lisboa».

### O regime patriarcal

Na província as criadas são da família e como tais tratadas.

Fazem lembrar os velhos tempos a que Homero se refere em que os senhores e os escravos partilhavam dos mesmos trabalhos no campo, dos mesmos alimentos à mesa e até da mesma sepultura, depois da morte.

Havia um respeito e amizade mútua que se prolongava pela vida fora, até na velhice, na doença e na invalidez.

O carinho que as escravas naqueles tempos mereciam aos senhores atenuava o regime da escravidão.

Muita gente hoje desejaria ser escrava como aquelas, para ser tratada com mais humanidade. Justifica-se, plenamente, a expressão latina que diz *servi servaf* — e que traduzida

quer dizer os servos estão bem protegidos.

E estavam, salvos nos momentos de crise e de subversão social.

### O recrutamento das criadas

Diz-se que há falta de criadas em Lisboa, a avaliar pelos anúncios que se publicam e pela procura que se observa nas agências. Mas isso tanto pode ser sintoma de falta como de abundância. E isso, para o caso presente interessa relativamente pouco. O que sobremaneira importa é o processo de recrutamento. Esse é que é extremamente precário. A maioria prefere criadas ou patroas «por conhecimento». Ora os «conhecimentos» nem sempre surgem e são

falíveis em geral, não dando garantias de idoneidade moral.

Podemos afirmar, a avaliar pelo que observámos numa agência de colocação de criadas, que as agências só por excepção merecem confiança, tanto às patroas como às empregadas.

A regulamentação meramente policial não basta; é preciso criar um organismo que seja garantia da idoneidade profissional e moral das criadas, que defenda os seus interesses materiais e espirituais, que incute nelas a noção das responsabilidades, a nobreza do sentimento do dever cumprido, que as eduque tecnicamente, dando-lhes uma preparação sólida para a vida de servir, e moralmente, pondo-as de sobreaviso contra os perigos que na vida na cidade, longe do ambiente familiar, podem correr, que lhes dê em suma a noção da sua dignidade como mulheres.

Essa organização seria, também, um travão ao êxodo crescente, que se observa, para a cidade.

Mas como o problema é complexo, voltaremos a ele.

# Uma cooperativa de cegos

## PARA GANHAR O PÃO

Quando, num povo, se vai criando o ambiente de que tudo deve ser feito pelos outros — seja este «outros» o Estado — depressa se degradam os costumes, se degenera o carácter, se

### Aprendamos Economia

(Continuação da 5.ª página)

quais, as transacções tendem a efectuar-se ao mesmo curso.

É claro que cada uma das mercadorias têm um ou mais mercados. Pode ter um mercado local, um mercado regional, um mercado nacional, um mercado europeu ou um mercado internacional.

Em cada um dos mercados, existe uma certa quantidade de mercadorias que se oferecem e uma certa quantidade de mercadorias que se procuram.

Oferta e procura. Chama-se oferta de uma mercadoria a quantidade de unidades dessa mercadoria que estão dispostos a vender, a um determinado preço, num determinado mercado e num momento dado, aqueles que a possuem. Chama-se procura a quantidade de unidades de uma mercadoria que querem comprar, a um determinado preço, num mercado e num momento dado, aqueles que a desejam adquirir. Podemos dar um exemplo para melhor compreensão: No mercado tal, ao preço de 15\$00 a arroba de batata, haverá tantas arrobas que os seus donos estarão dispostos a vender e tantas que os compradores estarão dispostos a comprar. Não se pode «desmembrar» a oferta e a procura, a não ser na base de um determinado preço.

Com estes elementos já poderemos estudar a variação dos preços, a influência que estes têm sobre a procura e sobre a oferta, e, vice-versa, a influência que a oferta e a procura têm sobre os preços.

perde o brio pessoal e o gosto da iniciativa.

Mesmo que haja deficiências físicas que diminuam as capacidades de realização, os indivíduos devem ser educados na consciência do seu valor, na certeza das suas possibilidades, e no desejo de se tornarem úteis à sociedade.

É por isso extremamente perigoso ir criando à volta das necessidades dos anormais a ideia de que, não sendo iguais aos outros homens, a colectividade tudo há-de fazer por eles. Isto cria nas pessoas uma psicologia da inferioridade que lhes é altamente prejudicial, e acarreta para a colectividade encargos que não deviam pesar-lhe.

É por isso extremamente simpática a interessante iniciativa de alguns cegos de Paris que resolveram unir-se numa sociedade cooperativa para ganharem o pão pelas suas próprias mãos!

Lede e estimulai-vos:

«Uma rua estreita, no claro bairro dos Invalides. Uma pequena oficina que eles aspiram a transformar porque é SUA. Eis-nos, amigos leitores, no meio de operários cegos.

Ali estão sem luz nos seus olhos. Sentados diante de uma grande mesa, fabricam escovas. A sua agilidade, a prudente segurança com que se deslocam, a sua alegria... tudo isto nos entusiasma.

De Olhão, escreve-nos um camarada para nos dizer:

Foi com imenso prazer que li no nosso jornal o artigo sobre tabernas. A este respeito tenho muito que dizer do que se passa aqui em Olhão. Imagine que me dei ao trabalho de contar quantas tabernas existem ao redor de seis fábricas. Pois verifiquei que existem nada menos de 10 tabernas para onde se dirigem muitos operários ao sair das fábricas. E olhem que a maior distância a que estão umas fábricas das outras não vai além de 50 metros.

Decerto que se as tabernas deixassem de existir, o vício seria menor e os filhos teriam mais pão para comer.

Bravo! É pelo inquérito da situa-

### TRABALHADORES! CUIDAI DA VOSSA ALIMENTAÇÃO

O melhor alimento, o mais saudável, aquele que vos pode fornecer energias e vitalidade, é, incontestavelmente, a FARINHA 35

Vende-se em toda a parte

# DESENVOLVIMENTO E SOLIDARIEDADE

E depois... são homens valentes, homens livres que se uniram para o trabalho e para o pão. Ouçamo-los contar eles mesmos com uma fé cheia de simplicidade:

«Criamos a nossa cooperativa operária em 1938. Cada operário deve participar ao menos com uma parte, que é actualmente de 500 francos (cerca de 40\$00). Outros podem participar da nossa sociedade, mas é preciso que sejam cegos. Somos pagos à tarefa e participamos, no fim do ano, do lucro da exploração, na proporção dos salários».

Eles fazem as escovas completas. O material é-lhes fornecido pela Comissão Central das Associações de Cegos e a aprendizagem é feita na Federação dos Cegos Civis.

Trabalham 40 horas por semana e conseguem regular salário, embora ainda pequeno (20\$00 por dia aproximadamente), mas contam desenvolver a Cooperativa e chegar a mais.

Mas é interessante como valorização humana, a não poder ser mais, esta iniciativa.

Bastar-se a si mesmo, ganhar o pão com o seu próprio esforço, apesar de não verem!

Que os que veem... ponham aqui os olhos.

Pio XII

«O curso natural das coisas conduz a uma desigual repartição dos bens da terra. «Mas a Igreja opõe-se a que estes bens se acumulem nas mãos de algumas pessoas ultra-ricas, enquanto que vastas camadas da população vivem condenadas a uma pobreza, e uma condição económica indigna de seres humanos».

Pio XII



## O CAMINHO DO TRIUNFO

UM LIVRO QUE LHE INDICARÁ A MANEIRA FÁCIL DE SE TORNAR UM ÓPTIMO GUARDA-LIVROS SEM SAIR DE SUA CASA

PREENCHA, CORTE E REMETA ESTE CUPÃO

AO INSTITUTO PORTUGUÊS DE COMÉRCIO  
DIRECTOR: PROF. MÁRIO DO CARMO PERES  
40, RUA ANTERO DE QUENTAL, 42 - LISBOA  
QUEIRA ENVIAR-ME, GRÁTIS, O LIVRO  
"O CAMINHO DO TRIUNFO"

NOME

MORADA

ENVIAR 2500, EM SELOS, PARA PORTE E DESPESAS